



CRISTINA BONORINO

Imunologista, pesquisadora IC do CNPQ
cristinabonorino@gmail.com



FRANCISCO MARSHALL

Historiador, arqueólogo e professor da UFRGS
marshall@ufrgs.br

O MELHOR ANTÍDOTO

Uma das seções de que gosto de ler na Nature é o que publicaram há 100 anos. Recentemente, resgataram um artigo de 22 de agosto de 1918, exaltando um avião que levou quatro pessoas da Inglaterra para o Egito. O autor maravilha-se com a possibilidade de viagens aéreas entre países, discutindo seu grande potencial comercial. Era o fim da I Guerra Mundial, e a humanidade daria um gigantesco salto tecnológico. Contudo, cem anos depois, existem aqueles que defendem que a Terra é plana. Como elas explicam que os hoje corriqueiros planos de voo dos aviões precisam considerar a curvatura da Terra para traçar seu curso e velocidade, e alcançar seu destino? Vivemos num mundo altamente tecnológico, e a maioria das pessoas não entende como as tecnologias funcionam – Carl Sagan dizia isso. Mas existe uma diferença entre não entender algo e negar-se a aprender.

Na minha experiência, as pessoas têm curiosidade, querem compreender. Ficam fascinadas quando alguém como Siddhartha Mukherjee, o próximo conferencista do Fronteiras do Pensamento, consegue traduzir algo complexo como o câncer. Siddhartha é biólogo por Stanford e imunologista por Oxford, mas o que aprendeu de biologia levou-o a estudar Medicina em Harvard. Nessa época já reconhecia em si uma profunda compaixão pelas pessoas, e chocou-se ao começar a atender pacientes oncológicos. Impressionou-se profundamente com a posição de fragilidade em que se encontram não apenas aqueles que têm câncer, mas seus entes amados. Intuíu que o medo que a doença inspira vem do desconhecimento que tanto o paciente, como pesquisadores e médicos, ainda tem desse que denominou o Imperador de Todos os Males.

Seu livro ganhador do Pulitzer, com esse nome, é o resultado de colocar em prática o conselho de Richard Feynman: se quiser entender algo complexo, ensine para quem não entende nada. Pesquisou as origens conhecidas do câncer; a evolução da sua compreensão e, consequentemente, do tratamento. O resultado é quase um romance. Siddhartha, buscando ser um bom médico, revelou-se um grande escritor. Lendo e relendo o livro, sinto que o texto nasceu do casamento entre duas paixões, a do médico por seus frágeis pacientes, e a do cientista pelo conhecimento. O resultado é o esclarecimento – e é esse o melhor antídoto ao paciente.

O medo nos faz tapar olhos e ouvidos, mas não muda a realidade. O conhecimento, sim. Por isso, os cientistas amam o desconhecido, ao invés de temê-lo. *O Gene*, livro seguinte de Siddhartha, usa a mesma abordagem histórica e quase cinematográfica para esclarecer a todos como funciona a genética. Nos dois livros, a principal mensagem não é o quanto não sabíamos no passado, nem o quanto sabemos hoje – mas a capacidade que a humanidade demonstrou de conquistar o que não entende. Negar-se a aprender com essas conquistas só pode trazer sofrimento.



O MEDO NOS FAZ TAPAR OLHOS E OUVIDOS, MAS NÃO MUDA A REALIDADE. O CONHECIMENTO, SIM, MUDA.



DAS PALAVRAS MASSACRADAS, TALVEZ LIBERDADE SEJA A QUE MAIS PADECE.

O ESPELHO DAS PALAVRAS

Em *As Viagens de Gulliver* (1726), Jonathan Swift (1667-1745) descreve Laputa, uma ilha flutuante no Pacífico. Como tudo na escrita de Swift, esta ilha é território de geniais metáforas, com que o autor ironiza a sociedade britânica do século 18 e a cultura em que ainda hoje nos situamos. Sob Laputa, está o reino de Balnibarbi, em cuja capital, Lagado, há uma Academia de Ciências, cenário de inventos estapafúrdios. Na Escola de Linguagens, um dos professores propunha que se abandonassem as palavras, em favor da brevidade e da saúde, “pois é seguro que cada palavra que falamos é, em certo grau, uma diminuição de nossos pulmões, por corrosão, e, consequentemente, contribui para o encurtamento de nossas vidas” (nota-se a estíma que Swift tinha pelos tagarelas). Como cada palavra refere-se a uma coisa, no sistema proposto, em vez de palavras, as pessoas levariam as coisas, e cessaria a fadiga. Ademais, se em lugar de palavras se apresentassem objetos, haveria o fim das confusões e a aurora de uma linguagem de concórdia universal. Swift antecipava questão crucial da semiótica e da vida em sociedade: qual a relação das palavras com o mundo?

Com o tempo e o trabalho de todos os falantes e poetas, algumas palavras alteram-se a ponto de ter seu significado invertido. Há também os jogos entre a mente, o corpo e as linguagens, que podem produzir palavras que significam algo diverso do que o sujeito pretendia dizer, e há palavras que são maliciosamente manipuladas para enganar, na fraude mercantil ou política. Bonito, hein? Podemos, todavia, resolver o problema das palavras que se afastam do objeto sem aboli-las, colocando-as diante de espelhos ou questões que revelam o que pretendem ocultar, o contrário da aparência, ou exatamente a singela forma da aparência revelada.

Das palavras massacradas, talvez liberdade seja a que mais padece. Sua marca genética é ter surgido nas sociedades escravistas do mundo antigo. Entre os gregos, a palavra liberdade (*eleutheria*) era associada ao sujeito livre (*eléutheros*), por oposição ao escravo (*doúlos*). Ser livre era uma condição humana, social e moral superior, de quem não tinha um senhor. Escravo era, como em todos os direitos escravistas, algo (e não alguém) com natureza inferior. Se um cidadão livre fazia algo vergonhoso, dizia-se que isto era algo *aneléutheros*: indigno de alguém livre. Em Roma, *libertas* tem conotações similares; as artes liberais eram, como na era moderna, os conhecimentos próprios dos homens livres. Na mente escravista, a liberdade define-se diante da servidão do outro.

É impressionante que hoje vejamos em campo uma ideologia da liberdade de tipo escravocrata, apresentando-se como algo novo. Mas eis o crivo que discerne quem é quem, entre o egoísmo e a empatia, a ambição do capital e a sensibilidade humanista, entre os que celebram a sua liberdade, de sua casta ou tribo, e os que ousam superar a cultura escravista, compreender sua dimensão humana universal e lutar pela libertação de todos como quem luta pela própria liberdade.



GAUÇAZH

Leia todas as colunas em gaucazh.com/cristinabonorino



GAUÇAZH

Leia todas as colunas em gaucazh.com/francismarshall

OS COLUNISTAS DESTA PÁGINA ESCREVEM QUINZENALMENTE | NA PRÓXIMA SEMANA: JULIA DANTAS E FABRO BOAZ STEIBEL

